

## **Carta Circular na Solenidade de São José, esposo da Virgem Santa Maria**

### **MONFORTINOS FORMADOS NO ESPÍRITO SANTO E EM MARIA**

*Caros irmãos religiosos,  
Caros irmãos,*

#### **Introdução**

Por ocasião da Solenidade de São José, envio-vos mais uma vez as minhas saudações, uma mensagem e a minha proximidade. Embora a mensagem seja destinada a vós, de modo particular, ela pretende tocar os corações de todos nós: monfortinos, leigos, religiosos ou sacerdotes.

Quando terminava esta carta, estourou a notícia da decisão da Rússia de atacar a Ucrânia e iniciar uma guerra. Nenhuma guerra é justificável... nem as pequenas, nem as grandes, nem as que têm balas e explosivos, nem as que têm palavras, ofensas ou ameaças.

Dos momentos difíceis da pandemia até esta nova guerra que gera tantas pessoas pobres, mais refugiados e mais mortos, ainda esperamos a “nova normalidade” que ainda não chegou. Assim, devemos continuar a rezar pela paz e a acreditar que é verdadeiramente possível que ela prevaleça sobre a loucura dos ditadores impetuosos e a política das grandes potências.

Estamos no tempo da Quaresma, a caminho da Páscoa. É um momento oportuno para rever a qualidade da nossa vida cristã e religiosa, o caminho da conversão e do encontro com Jesus Cristo, Sabedoria Eterna, Encarnada, Crucificada e Ressuscitada. O tema principal desta carta é precisamente este “caminho de conversão e encontro” com Deus e entre nós, irmãos e membros da Companhia de Maria.

#### **1. O contexto - Quaresma**

A Quaresma é um momento muito apropriado para falar sobre o caminho de conversão e de reconciliação. Começamos a Quaresma; e a liturgia de Quarta-feira de Cinzas convidou-nos a nos deixarmos transformar a partir de dentro, ou seja, do profundo do nosso ser, do coração, como proclama o profeta Joel na primeira leitura: “*Diz agora o Senhor: convertei-vos a mim com todo o coração*” (Joel 2,12); convidando-nos a entrar num caminho de conversão sincera, um caminho de reconciliação: “*Nós vos pedimos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus*” (2Cor 5, 20), lemos na segunda leitura.

No momento da imposição das cinzas, o padre confia-nos uma tarefa a cumprir nesta viagem rumo à Páscoa, dizendo: “*Arrependei-vos e acreditai no Evangelho*” (cf. Mc 1, 15) e recorda-nos como somos frágeis: “*Lembra-te, homem, que és pó da terra e à terra hás de voltar*” (cf.

Gn 3, 19). Estes dois lembretes e as leituras da liturgia do dia ajudam-nos a perceber que humanamente falando, somos "quase nada", pelo menos somos pó.

No fim de contas, não há leigo, religioso, sacerdote, bispo, médico, professor, papa; todos nós viemos do pó e ao pó voltaremos. Só isto deve ser suficiente para evitar criar distância entre nós, para aumentar o grau de respeito pelo outro, para valorizar o diálogo e para trabalhar por um mundo mais unido, mais justo e mais humano.

O tempo da Quaresma é um momento oportuno para nos lembrarmos que somos todos aprendizes, discípulos de Jesus Cristo, como vos disse na circular do ano passado, na "escola de São José", onde o menino Jesus começou a aprender muitos valores que o acompanharam ao longo da sua vida. Meus caros irmãos, também nós temos muito a aprender nesta mesma escola.

Com São José e São Luís Maria de Montfort, devemos "redescobrir as periferias geográficas do mundo" e as "missões menos importantes", sem os títulos de superiores, párocos, bispos ou outros tipos de autoridade". Neste sentido, a reflexão do Papa Francisco na audiência geral de 17 de novembro de 2021, falando sobre São José e a opção pelas periferias, pode ajudar-nos: *"Hoje José ensina-nos isto: "Não olhemos para as coisas que o mundo louva, olhemos para os ângulos, as sombras, as periferias, para aquilo que o mundo não quer". Ele lembra a cada um de nós que demos importância ao que os outros descartam. Neste sentido, é verdadeiramente um mestre do essencial: lembra-nos que o que é realmente valioso não atrai a nossa atenção, mas requer um discernimento paciente para ser descoberto e valorizado. Descubramos o que é válido. Peçamos-lhe que interceda para que toda a Igreja possa recuperar este discernimento, esta capacidade de discernir, esta capacidade de avaliar o que é essencial. Começemos de novo a partir de Belém, começemos de novo a partir de Nazaré"*.

*"É verdade, diz o Papa Francisco na mesma audiência geral, o Senhor continua a manifestar-se nas periferias, quer geográficas quer existenciais. Em particular, Jesus vai em busca dos pecadores, entra nas suas casas, fala com eles, chama-os à conversão. E foi até repreendido por isto: "Mas, veja, este Mestre – diziam os doutores da lei – veja este Mestre: come com os pecadores, suja-se, vai à procura daqueles que não praticaram o mal, mas o sofreram: os doentes, os famintos, os pobres, os últimos". Jesus vai sempre rumo às periferias."*

Uma vez que a realidade da pobreza e a da periferia quase sempre vão juntas, vamos meditar um pouco mais sobre "os pobres e os monfortinos".

## **2. Com São José e São Luís Maria de Montfort, aprendamos a ser pobres**

São Luís Maria de Montfort foi um excelente aluno na "escola de São José", que é a escola da Sagrada Família de Nazaré. Uma das atitudes essenciais para ser discípulo de Jesus é aceitar o que realmente conta para Deus: *"Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino do céu"* (Mt 5, 3); *"Bem-aventurados vós, os pobres, porque o reino de Deus vos pertence"* (Lc 6, 20). Estas palavras das Bem-aventuranças são como um convite para construir um programa de vida fundado na opção pela pobreza e pelos pobres. Quando esta opção se enraizar nas nossas vidas, poderemos proclamar sem medo, como fez Jesus, o objetivo da nossa missão: *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres..."* (Lc 4, 18).

Esta carta é um convite a continuar para além da "escola de São José", na "escola de Montfort". Como Monfortinos de hoje, podemos aprender muito com o que Montfort nos deixou nos seus escritos sobre a pobreza:

*[9] Para que possais aumentar este rico tesouro da vossa pobreza e este grande reino que adquiristes, cumpri estas três práticas:*

*1º - Estimai muito e acarinhai ternamente a pobreza real e afetiva, que abraçastes. Ninguém melhor do que um pobre em espírito se torna rico com facilidade e sabe gerir bem as suas riquezas. Estas servem apenas para tornar pobres e miseráveis aqueles que, possuindo-as, as amam, ao passo que elas tornam verdadeiramente ricos aqueles que se libertam delas com um admirável e salutar desprendimento. Não caiais, pois, na tentação de olhar para trás a contemplar o património e os benefícios que deixastes. Procurai, pois, não cair na tentação de olhar com inveja para os muitos bens eclesiásticos ou outros, e que poderíeis obter legitimamente, tal como fazem tantos outros”.*

*[10] 2º - Experimentai de bom grado os efeitos da pobreza, ou seja:*

*1º os trabalhos, ganhando o vosso pão com o suor do vosso rosto, num púlpito e num confessionário; 2º as humilhações e desprezos de que são ordinariamente objeto os pobres eclesiásticos; 3º os outros contratemplos que acompanham a pobreza, quer no vestir, quer na alimentação, quer na hospedagem, quer nas fadigas e nas viagens”.*

(Associados da Companhia de Maria, números 9 e 10)

Há muitas vezes tantos desconfortos na vida missionária e não queremos enfrentá-los, de modo que quando pensamos neles, encontramos falsas razões para dizer não a uma atividade ou a uma missão para a qual somos chamados.

### **3. Traços de um Monfortino que se deixa formar no Espírito Santo e em Maria**

*“Lembrai-vos, Espírito Santo, de gerar e formar filhos de Deus com Maria, vossa divina e fiel Esposa. Nela e com ela formastes já a cabeça do corpo místico, por isso, com ela e nela deveis formar todos os seus membros. Vós não gerais nenhuma pessoa divina na Divindade; mas só vós podeis formar todas as pessoas divinas fora da Divindade, e todos os santos, quer do passado e do futuro até ao fim do mundo são igualmente obras do amor em união ao de Maria”.* (OA 15).

Alguém partilhou comigo uma reflexão muito positiva sobre as características de um Monfortino que se deixa formar no Espírito Santo e em Maria. Ele disse-me que através da Companhia de Maria, a Trindade continua a amar o povo, os pobres, todos aqueles que dependem da presença monfortina nas missões. As novas fundações e as novas comunidades são a imagem destes monfortinos. Comunidades onde há irmãos que dialogam uns com os outros e que, juntos, promovem projetos que respondem às necessidades do povo e que dão frutos. A internacionalidade é como um estilo de vida missionária que permite aos países e entidades estarem unidos em benefício da formação e de projetos comuns. A relação constante e afetiva entre as congregações monfortinas que formam a família monfortina. Os leigos que permanecem fiéis e que são verdadeiros colaboradores na partilha do carisma e da espiritualidade. A consagração a Jesus por Maria segundo o método de São Luís Maria de Montfort continua a espalhar-se e a enraizar-se nas paróquias e comunidades de vida e mesmo noutras congregações. O facto de São Luís de Montfort, mais do que nunca, continuar a ser procurado e amado na Igreja e na devoção popular, tudo isto indica que existem leigos monfortinos, Irmãos e sacerdotes que são formados no Espírito Santo e em Maria.

### **4. A Deus a glória, a nós a vergonha**

*“Estes imitadores dos apóstolos pregarão com tal veemência que se tornarão capazes de sacudir os próprios espíritos e todos os corações, ali onde pregarem. É a esses, com efeito, que dareis a vossa palavra, até mesmo a vossa língua e sabedoria, a que nenhum adversário poderá resistir” (Lc 21, 15) (OA 22).*

O que o Padre de Montfort pediu à Santíssima Trindade na Oração Abrasada, vemos refletido em muitos missionários, irmãos e sacerdotes, do passado e do presente. No entanto, alguém me fez notar que ainda temos um longo caminho a percorrer antes de sermos um batalhão de missionários que pregam com o nosso testemunho. O que segue pode parecer muito difícil e mesmo desafiante, mas no caminho para a Páscoa é necessário reconhecer que "somos pó", frágeis e pecadores.

Apesar de todos os esforços já feitos para "ser imitadores dos apóstolos", ainda temos limitações a ultrapassar. É doloroso saber e difícil de admitir que existe abuso moral e sexual na nossa Congregação. É também inaceitável testemunhar a ascensão do clericalismo entre os religiosos monfortinos que utilizam o ministério como uma carreira, excluindo os leigos e os mais pobres. É também triste ver a falta de perdão entre os irmãos, a falta de diálogo e a ausência de escuta entre os nossos missionários. É também inconcebível ver comunidades monfortinas que, mesmo tendo em mãos "os quatro elementos distintivos da missão monfortina - *Evangelização, Maria, Desinstalação e Fazer Juntos*", não conseguem fazer um projeto, não se encontram para rezar, fazer retiros juntos, programar saídas comunitárias, e não se sentam à mesa para comer juntos. É por vezes desanimador ver Monfortinos fechados nos seus quartos que não visitam os doentes, não se preocupam em animar as comunidades cristãs, as diferentes pastorais e projetos paroquiais, e vivem isolados, sem perspectivas a nível pessoal e comunitário. É muitas vezes vergonhoso encontrar religiosos Monfortinos que transferem as suas responsabilidades para os leigos sem os acompanhar nas suas diferentes atividades, sem os motivar ou alimentar com o carisma e a mensagem do Evangelho de Nosso Senhor. Finalmente, é lamentável ver Monfortinos, irmãos e padres, que não amam Montfort, que não difundem a sua espiritualidade, que não aderem ao carisma da Companhia de Maria, que não obedecem às nossas Constituições e que não respeitam nem aceitam as decisões dos capítulos e assembleias aprovadas pelos seus superiores.

Como toda a gente na Igreja, fiquei profundamente impressionado há alguns meses com a apresentação do relatório da Comissão Independente sobre o Abuso Sexual na Igreja de França. O Papa Francisco na sua reação rezou, dizendo: "*A ti, Senhor, a glória, a nós a vergonha*".

Partilho convosco alguns elementos da reflexão do Padre José Miguel Díaz, Assuncionista, membro da Comissão de Justiça, Paz e Integridade da Criação - JPIC da sua Congregação.

*Sim, vivemos com a vergonha de uma Igreja clerical e desencarnada que, através das suas autoridades, decidiu, demasiadas vezes e durante demasiado tempo, proteger-se a si própria como instituição em vez de proteger as vítimas do nosso pecado. Contudo, há uma forma de reorganizar o nosso caminho no seguimento de Jesus Cristo. É o caminho que nos levará a glorificar a Deus nas suas criaturas e no amor misericordioso que o Pai nos revelou no ministério e na Páscoa de Jesus Cristo.*

*A glória de Deus é o homem vivo, disse Santo Irineu, a tarefa do nosso secretariado já é um esforço nessa direção. Somos chamados a:*

*1) Estar presentes onde os nossos irmãos e irmãs são ameaçados. Aproximemo-nos, tornemo-nos próximos para sermos vizinhos, para ouvir, para tentar compreender, para acompanhar, para viver a compaixão.*

*2) Promover, a partir desta experiência, qualquer ação de conversão e libertação que ajude a mudar a situação de injustiça e sofrimento que as nossas irmãs e irmãos, vítimas de injustiça, violência e falta de condições para terem uma vida digna e em paz, estão a viver. Empenhamo-nos a servi-los a partir da nossa situação e tentando integrar-nos nos seus próprios esforços e lutas. Acompanhamo-los para que se tornem protagonistas em seus processos de libertação e desenvolvimento.*

3) *Dar até a própria vida. O martírio não é estranho à nossa família religiosa. As nossas irmãs e irmãos já deram tudo para que o reino de Deus e a sua justiça se pudesse manifestar na nossa terra.*

*A vergonha continuará a ser nossa se não formos fiéis à nossa vocação, se não seguirmos o caminho daqueles que nos precederam, dando as suas vidas com e para os necessitados, os crucificados da história, as vítimas de toda a violência, guerras, discriminação e injustiça”.*

Perante tudo isto, irmãos, deixemos que ressoem mais uma vez em nossos corações as palavras do profeta Joel: *“Diz agora o Senhor: convertei-vos a mim com todo o coração”* (Joel 2, 12). É o tempo da conversão, é o tempo da salvação; voltemos ao Pai, caminhemos juntos, é o tempo da conversão!

Um sábio monfortino partilhou comigo outra observação: há poucos monfortinos que se dedicam a contemplar o Santíssimo Sacramento, a estar com o Senhor na capela... deixamos o Senhor em paz, deixamo-lo sozinho. Eu diria que ficamos sozinhos quando não dedicamos tempo suficiente do dia à oração e à contemplação, pelo que nos tornamos muito mais vulneráveis ao mal.

## **Conclusão**

Não sei se podemos chamar a esta última parte da carta uma conclusão, porque no caminho para a conversão, até ao fim da vida, nunca há um fim.

Digamos que estamos a entrar numa nova etapa da vida, uma nova etapa na vida da Companhia de Maria. Esta nova etapa chama-se o "Capítulo Geral". Compreendo que a reflexão que propus nesta carta tem muito a ver com o tema do próximo Capítulo Geral. Trata-se de um tema difícil. É uma proposta para nos questionarmos e "lançarmos as nossas redes para águas mais profundas" (cf. Lc 5, 4-5).

Como escrevia na carta de 31 de janeiro deste ano às entidades: *“Ousar correr riscos por Deus e pela humanidade” é o tema sugerido para o Capítulo Geral de 2023. A partir deste tema, somos todos convidados a pôr em prática "a nossa fidelidade criativa". Este tema proposto é o resultado de tudo o que vivemos desde o Capítulo Geral de 2017 (peregrinos sem fronteiras), as várias reuniões de zoom durante a pandemia de coronavírus com todos os conselhos das entidades, as várias visitas canónicas do Conselho Geral, o Conselho Geral Extraordinário (CGE) de maio de 2021, até à publicação do vade-mécum (o cajado do peregrino) de dezembro de 2021. Todas estas atividades e iniciativas têm sido realizadas num contexto de grande risco devido, entre outras coisas, a complicações de viagens e incertezas no planeamento de missões causadas pela crise sanitária da COVID-19”.*

Alguém já nos alertou para o facto de na referida carta não termos mencionado nada sobre o tema do Sínodo dos Bispos de 2023: *"Por uma Igreja sinodal"*; e isto é verdade. Ele tem razão, porque não mencionámos o tema da sinodalidade, no entanto, graças à ajuda da Equipe Direção, todo o processo de preparação para o Capítulo Geral de 2023 é "sinodal". Assim, todos são convidados a enviar sugestões e a partilhar as suas atividades missionárias nas diversas modalidades.

Caros irmãos, o convite, a palavra-chave desta viagem de conversão quaresmal e do processo preparatório do Capítulo Geral pode ser esta: *"Não tenhas medo, Sião! Não te acovardes! O Senhor teu Deus está no meio de ti. Por tua causa, Ele está contente e alegre e renova o seu amor por ti; está dançando de alegria por tua causa, como em dias de festa”* (Sf 3, 16-17).

Não será esta a mesma certeza que o Padre de Montfort expressou na sua mensagem aos Associados da Companhia de Maria? *“Não temais, pequenino rebanho, porque aprovou ao vosso Pai dar-vos o reino” (Lc 12, 32)... [3]: “Eu sou o teu escudo” (Gn 15, 1). Eu sou a tua proteção e defesa, ó pequena Companhia; estás impressa no meu coração e gravada nas minhas mãos para te acarinhar e te defender porque colocaste toda a tua confiança em mim e não nos homens, na minha Providência e não no dinheiro”.*

Rezemos a São José com a oração do Papa Francisco:

*São José,  
vós que sempre confiastes em Deus,  
e fizestes as vossas escolhas guiado pela sua providência  
ensinai-nos a não contar tanto com os nossos projetos  
mas com o seu desígnio de amor.  
Vós que viestes das periferias  
ajudai-nos a converter o nosso olhar  
e a preferir o que o mundo descarta e marginaliza.  
Confortai os que se sentem sozinhos  
e apoiái os que se comprometem, em silêncio,  
a defender a vida e a dignidade humana.  
Amém.*

A missão continua!



Padre Luiz Augusto STEFANI, SMM  
Superior Geral